

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA BAHIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS  
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL (DINTER)

ASPECTOS DA FORMAÇÃO DO ESTUDANTE DE GRADUAÇÃO EM FONOAUDIOLOGIA NA CLÍNICA DA VOZ: POR  
UMA ABORDAGEM ENUNCIATIVA BAKHTINIANA

FLÁVIA FIALHO CRONEMBERGER

PORTO ALEGRE (RS)  
2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA BAHIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS  
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL (DINTER)

FLÁVIA FIALHO CRONEMBERGER

ASPECTOS DA FORMAÇÃO DO ESTUDANTE DE GRADUAÇÃO EM  
FONOAUDIOLOGIA NA CLÍNICA DA VOZ: POR UMA ABORDAGEM  
ENUNCIATIVA BAKHTINIANA

PORTO ALEGRE (RS)  
2014

FLÁVIA FIALHO CRONEMBERGER

ASPECTOS DA FORMAÇÃO DO ESTUDANTE DE GRADUAÇÃO EM  
FONOAUDIOLOGIA NA CLÍNICA DA VOZ: POR UMA ABORDAGEM  
ENUNCIATIVA BAKHTINIANA

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em Convênio com a Universidade Estadual da Bahia – Doutorado Interinstitucional (DINTER).

Orientador (a): Profa. Dra. Maria da Glória Correa di Fanti

PORTO ALEGRE (RS)  
2014

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaboração: Sistema de Biblioteca da UNEB

Bibliotecária: Maria das Mercês Valverde - CRB 5/1109

Cronemberger, Flávia Fialho

Aspectos da formação do estudante de graduação em fonoaudiologia na clínica da voz: por uma abordagem enunciativa bakhtiniana / Flávia Fialho Cronemberger. - Porto Alegre, 2014. 237 f. il.

Orientadora: Maria da Glória Correa di Fanti

Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade do Estado da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens.

Contém referência, apêndices e anexos

1.Fonoaudiologia - Estudo e ensino. 2. Estudantes de fonoaudiologia - Avaliação. 3. Professores de fonoaudiologia - Formação. 4. Bakhtin, M. M. (Mikhail Mikhailovitch), 1895-1975. I. Di Fanti, Maria da Glória Correa. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. III. Universidade do Estado da Bahia.

CDD: 616.855

FLÁVIA FIALHO CRONEMBERGER

ASPECTOS DA FORMAÇÃO DO ESTUDANTE DE GRADUAÇÃO EM  
FONOAUDIOLOGIA NA CLÍNICA DA VOZ: POR UMA ABORDAGEM  
ENUNCIATIVA BAKHTINIANA

Tese apresentada como requisito  
parcial para obtenção do grau de  
Doutor pelo Programa de Pós-  
Graduação em Letras pela  
Faculdade de Letras da Pontifícia  
Universidade Católica do Rio  
Grande do Sul em Convênio com a  
Universidade Estadual da Bahia –  
Doutorado Interinstitucional  
(DINTER)

Aprovada em 28 de agosto de 2014

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria da Glória Corrêa di Fanti - PUCRS

Profa. Dra. Ana Cláudia Balieiro Lodi - USPSP

Prof. Dr. Adail Sobral - UCPELRS

Prof. Dr. Claus Dieter Stobaus - PUCRS

Prof. Dr. Cláudio Primo Delanoy - PUCRS

Aos meus amores, Rommel e Giovana, que me levam sempre a procurar novos caminhos de refletir, compreender e respirar a vida e a relação com eles e com os outros.

## **Agradecimentos**

À Profa. Maria da Glória Corrêa di Fanti, sempre receptiva às minhas dúvidas e aos meus questionamentos. Acima de tudo, um ser humano especial e acolhedor. Suas orientações, inúmeras vezes, nortearam-me e deram forças para prosseguir.

Às queridas professora “Ana” e “Camila”, às alunas (“Carla, Mina, Sílvia, Judite, Lila, Valquíria, Laura, Déia, Diva e Cíntia”) e às pacientes “Valéria e Beatriz” que me autorizaram a colher o material para a realização desta tese. Muito obrigada pela generosidade e confiança de vocês!

Aos professores Adail Sobral e Ana Claudia Balieiro Lodi pelas importantes contribuições no exame de qualificação.

Aos colegas do Doutorado, funcionários e professores da PUC/RS, em especial Profas. Leci Barbisan e Leda Bisol. Sempre lembrarei o acolhimento de vocês comigo! Minha eterna gratidão.

Aos meus queridos pais, Pedro e Ruth, meu amor incondicional.

A minha sogra, Geny, que me ajuda a trilhar um caminho espiritual nesta vida.

Aos meus irmãos e às minhas tias, em especial tia Adélia e tia Lucinha, pela amizade e por me amarem.  
Eu amo muito vocês, sempre.

À Mira, minha amiga, você está no meu coração! Eu nunca vou esquecer da sua ajuda ao cuidar da minha família nos anos de elaboração desta pesquisa.

“Um dos meios de expressão da relação emocionalmente valorativa do falante com o objeto da sua fala é a entonação expressiva que soa nitidamente na execução oral. A entonação expressiva é um traço constitutivo do enunciado” (BAKHTIN, 1979/2003/1953-1953, p. 290).

## RESUMO

Analisando a história acadêmico-científica da Fonoaudiologia na área da clínica da voz, verifica-se a predominância da presença de três diferentes concepções teóricas embasando-a: a clínica estudada por um viés mais positivista/organicista, a clínica com uma perspectiva mais psicanalítica e a clínica compreendida pela filosofia bakhtiniana, nomeada como “clínica da intersubjetividade” (MASINI, 2004). Reconhecendo, por meio de análises de periódicos nacionais, o predomínio de uma memória sócio-histórica organicista no horizonte fonoaudiológico na área da clínica da voz, questiona-se a partir de quais concepções teóricas, nos dias atuais, os professores que ministram as disciplinas em voz e, principalmente, os estágios supervisionados estão trabalhando. Que terapeutas/fonoaudiólogos estão sendo formados para trabalhar na clínica da voz? Aquele que só vê a doença e/ou aquele que percebe o sujeito em sua complexidade? Caso o professor esteja trabalhando com uma concepção mais organicista de clínica, quais as consequências desse tipo de ação na formação dos estudantes/futuros fonoaudiólogos? Nesse sentido, o objetivo principal desta pesquisa é observar e analisar aspectos constituintes do processo de formação de um grupo de alunos de graduação em Fonoaudiologia em um estágio supervisionado na área da voz, visando refletir sobre a importância de se estar atento, nesse espaço de formação, à sócio-historicidade constitutiva dos sujeitos dele participantes. Este estudo é uma pesquisa longitudinal de caráter qualitativo que segue princípios bakhtinianos concernentes à pesquisa no campo das ciências humanas. Foram filmadas supervisões, alguns atendimentos clínicos e realizadas entrevistas com um grupo de alunas, uma professora e duas pacientes que compuseram por um semestre letivo (2011/2) um estágio supervisionado em uma instituição de ensino superior. Das gravações e observações realizadas, foram selecionados e analisados enunciados de uma professora, de um grupo de alunas e de uma paciente em atendimento. A partir das análises, verificou-se um entrecruzamento de *vozes* (da história acadêmico-científica da Fonoaudiologia, da professora, das estudantes, da paciente etc.) que refletiu, ao longo das observações e análises, maiores valorizações à concepção organicista/tecnicista. Observou-se que o fonoaudiólogo em formação, ao compreender mais a clínica como um espaço em que se amplia a teoria organicista e observar o sujeito de forma fragmentada (biologizante), não em sua complexidade constitutiva, pouco valorizou a escuta das *vozes* da paciente no processo terapêutico. Pondera-se que a abordagem enunciativo-discursiva bakhtiniana, quando incorporada à formação do aluno na área da voz, pode ajudar o estudante a compreender mais as singularidades e complexidades que envolvem cada processo terapêutico, inclusive as que remetem ao lado biologizante de cada sujeito, contribuindo para a realização de atendimentos clínicos e supervisões mais efetivas.

Palavras-chave: *vozes* bakhtinianas; clínica da voz; formação de estudantes em Fonoaudiologia.

## ABSTRACT

Analysis of the academic and scientific history of speech therapy within the field of voice therapy revealed the predominant presence of three different theoretical conceptions in its foundation: clinical therapy from a more positivist/organicist approach, clinical therapy from a more psychoanalytical perspective, and clinical therapy from within the perspective of Bakhtin's philosophy, or "intersubjective therapy" (MASINI, 2004). An analysis of the relevant literature published in Brazil revealed the predominance of an organicist social-historical memory in voice therapy, an approach that focuses on the disorder rather than on the subject/patient. This analysis raised questions regarding which theoretical conceptions underlie the work of professors who currently teach voice courses and, principally, those supervising training courses. What kind of speech therapists are being prepared to work in voice therapy: therapists who focus exclusively on the disorder and/or those who recognize the patient in his/her individual complexity? If professors are indeed working with a more organicist conception of clinical therapy, what are the consequences of this type of action in the preparation of students/future speech therapists? Therefore, the principal objective of this study was to observe and analyze aspects related to the training process of a group of undergraduate speech therapy students during supervised practice in the field of voice therapy, with a view towards reflecting on the importance of being attentive, within this learning space, to the constitutive socio-historicity of the subjects participating in it. This was a longitudinal, qualitative study based on Bakhtinian principles as applied to studies in the field of human sciences. The study included filmed recordings of supervised sessions and of some clinical visits, as well as interviews held with a group of female students, two professors and two patients, all of whom participated in a supervised training course for one semester (the second semester of 2011) in an institute of higher education. Of the recordings and observations made, utterances made by one of the professors, a group of female students and one of the patients during a clinical visit were selected and analyzed. Based on this analysis, intertwined *voices* (of the academic-scientific history of speech therapy, of the professor, of the students, of the patient, etc.) were found, reflecting more valuations of the organicist/technicist conception throughout the training period analyzed. It was found that the student speech therapists gave little importance to listening to the *voices* of the patient during therapy, either in their understanding of clinical treatment as a space in which the organicist theory is strengthened or when attempting to observe the subject in a fragmented (biologizing) manner rather than in his/her constitutive complexity. It was found that the student speech therapists gave little importance to listening to the *voices* of the patient during therapy, since they understood clinical treatment as a space in which the organicist theory is given greater weight; hence they observed the subject in a fragmented (biologizing) manner rather than in his/her constitutive complexity. It is possible that, when incorporated into voice therapy training, the Bakhtinian concepts of discourse and utterance will help improve students understanding of the singularities and complexities involved in each therapeutic process, including those that deal with the biologizing approach of each subject, thus contributing towards rendering clinical visits and supervisions more effective.

**Keywords:** Bakhtinian *voices*; voice therapy; undergraduate training in speech therapy.

## LISTA DE FIGURAS

p.

<b>Figura I</b> Quantidade de artigos por revista e temática.....	66
<b>Figura II</b> Quantidade de artigos por perfil teórico.....	66
<b>Figura III</b> Quantidade de artigos por revista e perfil teórico.....	67

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
<b>1. VOZES DA FONOAUDIOLOGIA.....</b>	<b>27</b>
<b>1.1 A clínica da objetividade: o perfil cartesiano positivista.....</b>	<b>28</b>
<i>1.1.1 Cenário do surgimento da Fonoaudiologia no Brasil.....</i>	<i>28</i>
<i>1.1.2 A clínica da voz: o olhar da concepção positivista.....</i>	<i>37</i>
<b>1.2 A clínica da subjetividade: o perfil expressivo/contextual e psicanalítico.....</b>	<b>42</b>
<b>1.3 A clínica da intersubjetividade: o perfil bakhtiniano.....</b>	<b>49</b>
<b>1.4 Vozes de periódicos nacionais (2007-2011).....</b>	<b>56</b>
<b>2. VOZES BAKHTINIANAS.....</b>	<b>69</b>
<b>2.1 A teoria e a singularidade do evento: pontos de tensão.....</b>	<b>69</b>
<b>2.2 O discurso na perspectiva dialógica.....</b>	<b>77</b>
<b>2.3 A importância do outro na constituição do sujeito.....</b>	<b>88</b>
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>99</b>
<b>3.1 Contexto de pesquisa.....</b>	<b>100</b>
<i>3.1.1 Características do estágio supervisionado clínico na área da voz.....</i>	<i>100</i>
<i>3.1.2 Considerações sobre o estágio observado e seus participantes.....</i>	<i>105</i>
<i>3.1.3 Ponderações acerca do estágio supervisionado: a supervisão acadêmica e o atendimento clínico-terapêutico.....</i>	<i>108</i>
<b>3.2 Trilhas metodológicas.....</b>	<b>115</b>
<i>3.2.2 Procedimentos metodológicos de coleta e seleção do material de pesquisa.....</i>	<i>115</i>
<i>3.2.3 Procedimentos metodológicos de análise do material.....</i>	<i>121</i>
<b>4. ANÁLISE DO MATERIAL.....</b>	<b>125</b>
<b>4.1 Ondas dialógicas de sentidos produzidas nas primeiras supervisões.....</b>	<b>125</b>
<b>4.2 Ondas dialógicas de sentidos produzidas nos atendimentos e supervisões a uma paciente.....</b>	<b>146</b>
<b>4.3 Ondas dialógicas de sentidos produzidas na última supervisão.....</b>	<b>196</b>
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	205

<b>REFERÊNCIAS</b> .....	217
<b>APÊNDICES</b> .....	224
Apêndice I: Carta de conhecimento do conteúdo do projeto e autorização do responsável pelo local onde será realizada a pesquisa .....	224
Apêndice II: Termo de consentimento livre e esclarecido (para professores e alunos).....	226
Apêndice III: Termo de consentimento livre e esclarecido (para pacientes).....	229
Apêndice IV: Entrevista (professor).....	232
Apêndice V: Entrevista (aluno).....	233
Apêndice VI: Entrevista (paciente).....	234
<b>ANEXO</b> .....	235
Anexo I: Normas para transcrição dos dados.....	235
Anexo II: Registro do protocolo de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética (PUCRS)..	237

## INTRODUÇÃO

Sou fonoaudióloga especialista na área da voz. Durante muitos anos, a única voz<sup>1</sup> que eu compreendi e com a qual trabalhei na clínica foi o som da fala, veículo que transporta a linguagem oral, imprescindível na compreensão da mensagem falada. O meu objetivo principal, por muito tempo, consistiu em melhorar a voz considerada patológica.

Para tanto, conversava com o paciente sobre sua voz e a ouvia, analisava-a em todos os seus parâmetros (frequência, entonação, intensidade, velocidade de fala, etc...) e procurava compreender o que levava o sujeito a realizar determinados abusos e maus usos vocais. Então, a partir das minhas conclusões, retirava uma lista de regras para uma boa saúde vocal: dizia tudo o que ele poderia ou não fazer, o que poderia lesionar suas pregas vocais, além de indicar a execução de vários exercícios para a sua patologia em particular.

No entanto, alguns pacientes acabavam por deixar o tratamento fonoaudiológico, sem finalizá-lo. Eles simplesmente paravam de comparecer aos atendimentos com justificativas das mais variadas, como falta de dinheiro para pagar as sessões e/ou falta de tempo. Sempre me questioneei se eram somente tais fatores que levavam essas pessoas a deixar o tratamento.

Associado a isso, eu, como profissional, percebia como enfadonha, por muitas vezes, a realização da terapia fonoaudiológica. Interrogava-me se o que existia de tratamento era só isto: passar regras e exercícios para o paciente. Sentia-me vazia profissionalmente e questionava sobre o fato de ter estudado tantos anos para fazer somente aquilo. Perguntava se havia me tornado uma técnica, executora de exercícios ou se existiam outras possibilidades de tratar o sofrimento vocal do sujeito que procurava pelo atendimento fonoaudiológico.

A questão da linguagem<sup>2</sup> na Fonoaudiologia sempre me instigou e, posso dizer que, mesmo sem entender sua complexidade, acreditava que dela poderia surgir o novo, o diferente, o instigante. Acabei por realizar minha graduação em uma Universidade em

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, o termo voz ou vozes sem estar em itálico corresponderá ao conceito de emissão vocal sonora. Já o mesmo termo utilizado em itálico corresponderá ao conceito trazido por Bakhtin e seu Círculo que faz referência “aos outros”, aqueles que com seus discursos, suas posições axiológicas, seus pontos de vista, ajudam a constituir o sujeito como indivíduo singular e pensante.

<sup>2</sup> Na Fonoaudiologia, nosso maior objeto de estudo é a linguagem. Dela advém quatro grandes áreas em que focamos o nosso trabalho: linguagem oral e escrita, motricidade orofacial, audição e voz.

São Paulo, onde o curso que escolhi embasava-se em concepções teóricas extremamente organicistas e tecnicistas. Foram quatro anos tentando “curar” os pacientes. Ao finalizar, questionava-me, sobre o que realmente enxergava do sujeito. Eu estava conseguindo vê-lo, percebê-lo, acolhê-lo na sua dor? Para mim, sempre faltava algo. Algo a mais que, da minha posição de terapeuta, eu precisava perceber em relação ao paciente, mas que eu não via e, dessa forma, sentia que não conseguia ajudá-lo efetivamente.

Depois de concluída a graduação em 1990, fui morar em Salvador. Lá, iniciei minha carreira e dei continuidade a minha formação profissional. Em períodos distintos, realizei dois cursos de Especialização: um em linguagem oral e escrita e outro em voz. Foi no curso de Especialização em linguagem, entre 1992 e 1994, que estabeleci meu primeiro contato com a teoria bakhtiniana. Pontualmente, lembro-me de uma disciplina em que outro viés da linguagem, diferente dos habituais debatidos nas demais disciplinas do curso, principalmente com relação à leitura e escrita, foi apresentado. Tratava-se de uma abordagem enunciativa para as questões de leitura e escrita.

Recordo que, em um primeiro momento, não conseguia internalizar o que a professora ministrava: construção do conhecimento, papel do fonoaudiólogo, papel do paciente à luz do pensamento de Bakhtin. Além da docente, algumas amigas e uma professora de um curso de pós-graduação em Letras, que já tinham algum conhecimento sobre o filósofo, vieram me ajudar. Foi nessa interação com vários “outros” que comecei a repensar minha prática profissional e a questionar as perspectivas teóricas que até então me embasavam e, a partir desse momento, um processo de mudança começou, paulatinamente...

Todavia, preciso destacar que essa transformação não ocorreu de modo fácil. Faço tal afirmação porque a perspectiva organicista para mim estava tão arraigada que, inicialmente, foi difícil compreender outro ponto de vista. Na realidade, o viés por onde eu olhava e, sem me eximir, através do qual ainda me vejo olhando em alguns momentos, está comprometido com uma determinada visão de mundo difícil de ser retirada, mas passível de ser (re)significada.

Dessa forma, embora com essas dificuldades iniciais, a interlocução com Bakhtin venceu-me, justamente porque possui algo de transformador e eu não consegui ficar imune às suas provocações. A leitura bakhtiniana provoca mudanças na nossa maneira de ver o mundo. Comecei a me deparar com conceitos como *dialogia*, *interação verbal* e *excedente de visão*, que foram descortinando, aos poucos, outro mundo para mim e para o meu fazer profissional.

Com relação ao curso de Especialização em voz, realizado entre 1996 e 1998, o ponto de vista oferecido foi o habitualmente passado em cursos (na área da voz) até hoje: o organicista. Ao finalizar tais estudos, surgiu a possibilidade de um concurso no estado da Bahia para ser docente de um Curso de Graduação em Fonoaudiologia. Fui convocada assim que a lista dos aprovados saiu. A coordenadora do curso me chamou e disse que precisava de uma professora para ministrar disciplinas relacionadas à área da educação: Teorias da Educação e Fonoaudiologia Escolar.

Assim, tendo como base o que ouvi na disciplina de leitura e escrita, inserida no curso de Especialização que realizei em linguagem e em trocas com outros colegas, passei a incorporar a abordagem enunciativa bakhtiniana na minha prática profissional. Dessa forma, optei por não nortear os diálogos que, a partir dali, teria com distintos alunos em conhecimentos advindos da graduação, vinculados a processos patológicos, ou seja, entrelaçando “fracassos escolares” a explicações fisiopatológicas. Por esse viés, o fonoaudiólogo, ao dizer que diagnostica “problemas escolares”, responsabiliza o aluno pelas diferenças que, na maioria das vezes, são parte do processo de escolarização, das relações que o estudante estabelece com outros dentro da escola, principalmente, com a figura do professor.

Na minha opinião, em minha prática docente, o foco precisava ser outro. Nesse sentido, a teoria do Círculo de Bakhtin trouxe para mim outra possibilidade teórica necessária para repensar a ação fonoaudiológica na escola. Posso dizer que, com as leituras bakhtinianas, comecei a delinear um programa para as minhas disciplinas com o objetivo de realizar ações fonoaudiológicas diferenciadas nas escolas, compromissadas com a formação de um aluno crítico e reflexivo.

Em 2003, ingressei no Mestrado na área da Educação. No Programa, a linha de pesquisa sobre formação de professores logo me instigou. Como minha orientadora é uma linguista que conhecia, na época, minha formação e minhas inquietudes na área da clínica da voz, propôs um desafio: estudar a voz numa perspectiva dialógica, buscando contribuições para a formação de professores.

Desse modo, os ensinamentos bakhtinianos logo vieram a me confrontar, trazendo novas e interessantes reflexões. Na dissertação, observei como os enunciados construídos com os mais distintos recursos vocais, entre uma professora e seu alunado, durante uma aula de português do ensino fundamental, participaram ativamente na construção de diferentes sentidos. Pensando na figura do professor, pude perceber que seus enunciados ora acolhiam os dizeres do aluno, construindo, juntos, distintos saberes,

ora colocavam o docente na figura de detentor do conhecimento, afastando o discente de uma participação mais efetiva e crítica da interlocução.

Nessas últimas situações, pude notar que o aluno calava-se, parecendo se apropriar de maneira intensa do que o professor dizia. Através dessas experiências, o curso de Mestrado me possibilitou compreender melhor a filosofia bakhtiniana, ao mesmo tempo que aprofundei a percepção sobre a importância da minha pessoa como professora, ao estabelecer distintas interlocuções com os estudantes.

Com o término do Mestrado em 2005, continuei minhas leituras e conversas com Bakhtin, mas foi somente em meados de 2010, com o início do Doutorado, que foi oportunizado um aprofundamento ainda maior em tal filosofia. Como pesquisas envolvendo a docência e a área da voz interessavam-me bastante, resolvi continuar trilhando tal caminho durante essa nova etapa. Optei por observar a relação professor-aluno no âmbito da docência universitária, mais especificadamente, em uma disciplina de um curso de graduação em Fonoaudiologia. Dentre as disciplinas ministradas no curso de graduação, escolhi observar o processo de formação de um grupo de alunos em um estágio supervisionado na área clínica da voz.

Nos cursos de graduação em Fonoaudiologia, geralmente, é na supervisão, após a realização de disciplinas teóricas por parte dos alunos, que se inicia a prática clínica, ficando o estudante responsável por um ou mais pacientes sob supervisão de um professor. O estágio supervisionado em Fonoaudiologia é composto, no âmbito da clínica, por dois momentos: os atendimentos clínicos terapêuticos e o processo de supervisão desses atendimentos.

O meu interesse pelo estágio supervisionado começou ao me interrogar a respeito da própria palavra “super-visão”. Esta, para mim, associada ao escopo bakhtiniano, pode ser relacionada a ter uma “visão além de”, aproximando-se do conceito de excedente de visão, trazido por Bakhtin (1920-1930/1979/2003). A partir dessa perspectiva, é possível entender que cabe ao supervisor acolher as necessidades trazidas pelo supervisionado, reflexões sobre o acontecido no contexto terapêutico com o paciente, buscando novos sentidos para o que ainda não foi percebido pelo aluno, naquela situação, e que pode, efetivamente, ajudar o processo terapêutico.

Ao mesmo tempo, cabe ao estudante acolher o paciente na sua dor, trabalhar a escuta das *vozes* que chegam do sujeito, ir além dos fatos relatados, e retornar para o paciente, dando acabamento, com a ajuda do supervisor, àquilo que ele (aluno) sozinho ainda não consegue realizar. Compreendo que, para os estudantes que estão à procura da

arte do atendimento clínico, a supervisão traz tanto um re(significar) da parte teórica, como também a busca pelo entendimento sobre quem é o paciente que está a sua frente, na tentativa de compreendê-lo em sua plenitude e, assim, ajudá-lo.

No estágio supervisionado é possível perceber a importância de toda a teoria ministrada nos semestres anteriores. Como afirmam Cassavia e Maia (2001, p. 124), “a formação acadêmica possibilita ao aluno o acesso ao saber, que em princípio parece ser suficiente para sua atuação. No entanto, quando os alunos encontram-se na clínica é que essas relações com o saber passam a ser dimensionadas de outra forma”.

Tais considerações remetem às ideias de Bakhtin (1920-1924/1993, p. 56), em *Para uma filosofia do ato*, texto em que o filósofo questiona a possibilidade de uma “consciência unicamente teórica”. Para o filósofo russo é no evento singular, experimentado e vivenciado em sua unicidade pelo sujeito (com outros), que os sentidos emergem e são compreendidos. A teoria, para o autor, é um momento que compõe a prática. O evento único para ser realmente compreendido, precisa, embora considerando a teoria, ir além dos componentes teóricos já referendados, entrando em sintonia e interagindo com os aspectos e as *voces* que constituem e envolvem o evento.

Nessa perspectiva, é na possibilidade do contato real entre estudante/futuro terapeuta e paciente que o saber construído teoricamente ganha outros contornos e outros sentidos aparecem. É no encontro entre aluno/futuro fonoaudiólogo e paciente, no evento do ato, que os sujeitos (re)constroem seus pontos de vista e delinea-se a compreensão de cada um sobre a situação, sobre si mesmos, e, no caso do discente, sobre a própria teoria, o que contribui para a constituição e renovação de cada sujeito, tendo como foco a possibilidade de transformação do paciente com sua dor.

Dessa maneira, inúmeros conhecimentos trabalhados, singularizados e (re)significados no estágio advêm de relações dialógicas, muitas delas originárias de *voces* constituintes dos alunos, do professor e dos pacientes que, em interação, ajudam o discente a se renovar e repensar o atendimento clínico-terapêutico vivido com o paciente. É nesse sentido que percebo a importância de olhar o estágio supervisionado como um espaço de interação e produção de conhecimento muito rico para o processo de aprendizagem acontecer, principalmente no que se refere ao aluno repensar seu papel como terapeuta, desenvolvendo suas percepções em relação à teoria, à sua própria pessoa, em diferentes situações, e aos outros com quem interage.

Partindo dessas considerações, ao refletir sobre o estágio de supervisão na área que envolve a clínica da voz, problematizo qual caminho a Fonoaudiologia vem

trilhando ao longo da sua história. Penso sobre a minha formação que acabou me conduzindo, inicialmente, para um fazer clínico organicista. A questão central era corrigir o erro que se encontrava no aparelho fonador do paciente.

No perfil organicista, como refere Märtz (2004, p. 242), a voz é entendida como “suporte para a linguagem falada e interfere apenas na medida em que falha ou se desvia daquilo que é considerado natural para cada pessoa, ou então, falha porque é considerada desviante da normalidade de um grupo social”. Segundo a mesma autora (1999), nessa concepção, se as cordas vocais ou as estruturas responsáveis pela ressonância da voz estão alteradas, é necessário trabalhar a respiração, o tônus muscular das pregas vocais e a musculatura periférica, ou ainda, o equilíbrio das caixas de ressonância para uma emissão vocal mais efetiva.

Nessa compreensão, aspectos como relaxamento, respiração, apoio respiratório e ressonância são parâmetros importantes de serem focados e trabalhados, a todo o momento em terapia, tendo como objetivo o funcionamento normal de toda a fisiologia envolvida na produção vocal, além disso são passadas também regras para a correta utilização do aparelho fonador. Entretanto, esquece-se que a voz está necessariamente ligada ao seu uso. O problema vocal aparece, na realidade, quando é necessário interagir verbalmente com o outro. A voz é parte constituinte da linguagem oral e é nela que se orienta e produz sentido(s).

Para Märtz (2004, p. 243),

A voz [...] com suas entonações e modulações, com seus ritmos e timbres, ressonâncias diversas a constituir fonemas, palavras e frases, essa voz só pode ser compreendida no ambiente mesmo da construção histórica da linguagem. Os problemas e as alterações, mesmo que de origem orgânica, só vão se manifestar quando se busca dizer algo a alguém, mesmo que esse dizer signifique silêncio por impossibilidade ou recusa. Portanto, é de igual importância a escuta do que o paciente diz e da forma pela qual o faz, sem que já se conclua por uma melhor adequação orgânica ou linguística. O que o paciente diz pode estar em conflito com o que sua voz aponta, mas, talvez o que ele viva nesse instante seja mesmo *o conflito de dizer*, de se fazer voz, e isso pode ser acolhido e trabalhado em terapia.

Foi somente quando passei a vivenciar, na minha clínica, o atendimento ao paciente com queixa vocal dando enfoque à interação verbal e à importância das relações dialógicas na constituição do sujeito e da sua própria voz que minhas terapias

deixaram de ser mecanicistas e repetitivas. Receberam contornos de singularidade. Passei a redefinir o olhar ao paciente, de modo a percebê-lo em sua complexidade.

Comecei a entender que as manifestações vocais de um sujeito com problemas na voz relacionam-se a diferentes questões, sendo a orgânica apenas uma delas. Na realidade, muitas das alterações vocais aparecem quando o sujeito interage com o outro. A depender do seu interlocutor (dos outros com quem se relaciona), do projeto enunciativo do falante e do próprio gênero do discurso envolvido no ato, distintas alterações na emissão vocal podem surgir. Foram os ensinamentos de Bakhtin que me apresentaram com esse novo olhar para a clínica da voz.

Compreendi que passar exercícios e regras para um bom uso da voz, normalmente, é mais fácil do que propiciar autonomia ao paciente para a elaboração de conhecimentos relativos à própria voz e aos usos que dela faz em diferentes relações e contextos dialógicos. Quando se coloca para o paciente a importância da voz na vida dele, demonstrando o tanto que ela manifesta a sua forma de pensar, interagir e agir no mundo, o paciente passa a ter novas motivações para a continuidade e a busca da sua melhora. Entendo, hoje, que só conseguimos modificar determinados comportamentos e fazer uso de novos padrões vocais, se realmente percebemos os antigos hábitos como prejudiciais, pouco efetivos ou, ainda, com possibilidades de serem modificados e/ou otimizados nas diferentes relações com o outro.

A simples ação de fazer exercícios e seguir determinadas normas, sem perceber a real importância daquilo para si e para os outros, acaba por se tornar desinteressante e enfadonho. Com o tempo, as orientações acabam por ser esquecidas. Logo, para que o tratamento tenha sucesso, é necessário, dentre tantos outros aspectos, mostrar ao paciente que o que ele fala e as inflexões vocais que coloca na palavra, em uma determinada situação de produção, podem provocar diversos sentidos, que vão dizer muito da forma como o indivíduo entende a vida, percebe o outro em determinada situação, tornando a comunicação e a própria interação mais ou menos efetiva. Pude, com o ingresso dos postulados de Bakhtin na minha vida, compreender a força da voz (emissão vocal sonora) no enunciado verbal e no(s) sentido(s) que o indivíduo pretende construir. Passei também a entender a minha força enquanto sujeito único, com posições avaliativas sempre em franco processo de construção e reconstrução com os enunciados dos outros.

No entanto, percebo que demorei a chegar a este lugar que me encontro hoje. Quantas angústias e aprendizados estanques arraigados nos meus 45 anos de idade e que

foram difíceis de ser transformados! Muitos deles estagnados na minha visão normatizante de linguagem. A busca pela multiplicidade de sentidos trazida na e pela linguagem, construída na relação com outros, estava à minha frente, mas eu não conseguia perceber! Como poderia ter ajudado mais efetivamente meus pacientes nesses 24 anos de formada! Como poderia ter me compreendido mais! Só posso dizer que, para mim, teria sido extremamente valioso e enriquecedor ter tido acesso à teoria bakhtiniana muito antes.

É dessa perspectiva que penso a formação dos alunos, na atualidade, na clínica da voz em Fonoaudiologia e coloco-me os seguintes questionamentos: A partir de quais concepções filosóficas e teóricas os professores que ministram as disciplinas de voz e, principalmente, os estágios supervisionados estão trabalhando? Com quais linguagens e bases teóricas o docente, os alunos e os próprios pacientes estão dialogando? Como está acontecendo o processo de formação dos discentes frente à pluridiscursividade trazida por diferentes sujeitos? Que terapeutas/fonoaudiólogos estamos formando para trabalhar na clínica da voz? Aquele que só vê a doença e/ou aquele que percebe o sujeito em sua complexidade? Caso os professores estejam, ainda hoje, trabalhando com uma concepção mais organicista de clínica, quais as consequências desse tipo de ação na formação dos estudantes/futuros fonoaudiólogos?

Nesse contexto e dando continuidade às reflexões sobre o estágio supervisionado na clínica da voz, tomo o conceito de entonação, desenvolvido por Bakhtin, partindo do pressuposto de que todo indivíduo, ao enunciar algo, posiciona-se valorativa e singularmente para seu interlocutor. O conceito de entonação está marcado pela produção ativa de sentidos (diferentes posições éticas e ideológicas) que todo enunciado traz em seu contexto dialógico.

Compreendo que as variações na emissão vocal sonora ajudam a constituir as entonações. Os recursos vocais utilizados pelos sujeitos nos seus enunciados contribuem para conferir diferentes sentidos ao que está sendo dito e também ao não dito. Podemos pensar que, durante a supervisão, ou mesmo nos atendimentos entre estudante de Fonoaudiologia e paciente, na clínica da voz, há sempre diferentes entonações sendo manifestadas por seus interlocutores através do uso dos mais variados recursos vocais.

Essas acentuações podem, do meu ponto de vista, não serem observadas por muitos professores de cursos de graduação em Fonoaudiologia, devido ao fato de não focarem seu olhar e suas reflexões nos enunciados dos estudantes e dos pacientes. Muitos observam a linguagem e a voz mais pelo viés informativo e da produção

laríngea, acabando por deixar, inúmeras vezes, a formação dos estudantes e o atendimento do paciente deficitários.

Quando deixamos de dar atenção aos sentidos que os enunciados trazem, por meio da linguagem, dos recursos vocais e de tantos outros aspectos que compõem uma situação de produção, o atendimento clínico-terapêutico e a supervisão podem deixar de fluir. A meu ver, estagnam. A linguagem e a voz se perdem. Deixa-se de perceber a importância de compreender o ponto de vista do outro, suas angústias, seus anseios, desejos, bem como suas necessidades. Diferentes sentidos são produzidos com os enunciados, que poderiam estar sendo re(significados) pelo estudante, na interação com o docente, e pelo paciente, com a ajuda do estudante e do professor.

Entendo que, para o aluno poder ouvir, acolher o paciente e dialogar com ele (a linguagem e a voz que ele traz), é necessário também que o estudante seja ouvido e acolhido em sua linguagem pelo professor. É preciso que seus questionamentos e suas colocações sejam escutadas, valoradas e ganhem sentido para o docente. Ao mesmo tempo, o docente, ao emitir sua resposta frente ao enunciado do discente, deve levar o estudante a refletir sobre toda a complexidade que envolve atender sujeitos únicos com problemas vocais, ajudando a dar acabamento aos enunciados do aluno.

Como Bakhtin (1929/2008, p. 36) pontua, em suas reflexões sobre a construção do personagem, em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, “[...] a consciência não é dada no caminho de sua formação e de seu crescimento [...] mas em contiguidade com outras consciências. Cada emoção, cada ideia [...] é internamente dialógica, tem coloração polêmica, é plena de combatividade e está aberta à inspiração de outras [...]”. Desse modo, através da interação com uma multiplicidade de vozes, seja do professor, de outros colegas, do paciente e de outros tantos discursos, o estudante de fonoaudiologia vai se orientando, constituindo-se e dando vida ao seu processo de autoria, de ser que pensa e se posiciona no mundo e vai formando sua identidade profissional na área da voz.

Tenho me questionado se essa necessidade de interagir com as questões bakhtinianas é uma demanda pessoal e profissional mais particular ou se outros profissionais da minha área percebem tal urgência nas suas práticas. Questiono-me: Será que estamos, enquanto docentes e terapeutas (nas nossas clínicas), ao lidar com diferentes sujeitos, conseguindo ir além da teoria e da técnica?

Pesquisando em periódicos, não encontrei trabalho que observasse aspectos da formação de estudantes de graduação em Fonoaudiologia, em um estágio de supervisão

na clínica da voz, apoiado nos ensinamentos de Mikhail Bakhtin e seu Círculo. Não descarto, no entanto, que haja pesquisas com esse perfil seja em periódicos não consultados, seja em outros tipos de publicação, como coletâneas de ensaios e/ou livros autorais.

De qualquer forma, considerando a escassez de trabalhos encontrados com esse foco e a minha constante preocupação com a formação do fonoaudiólogo, esta pesquisa compartilha experiências vividas por um grupo de alunos, pacientes e professor, durante um período de formação dos discentes na graduação. Há descrições e análises de como foram sendo construídos diferentes conhecimentos, durante um estágio supervisionado, o que pode contribuir para compreender melhor como está acontecendo a formação clínica dos estudantes na área da voz.

Nas minhas observações é importante conseguir enxergar o fenômeno da ressonância dialógica e dos desdobramentos dessa onda de sentidos que colaboraram para a formação dos alunos durante o estágio em foco. Entendo que, ao percebermos a força que o entrelaçamento de *vozes* tem na constituição dos indivíduos, ficaremos mais atentos às filosofias e teorias que seguimos, às linguagens que ensinamos e usamos em sala de aula, aos currículos e programas disciplinares que construímos e, conseqüentemente, à nossa própria formação enquanto docentes.

Se tomada como base teórica a concepção bakhtiniana, na clínica da voz, tanto o paciente quanto o estudante de Fonoaudiologia poderão passar a compreender melhor, em diferentes perspectivas, como “o conflito da voz” que geralmente se apresenta é de natureza social e o quanto está relacionado aos usos da linguagem e da voz. Assim, poderão constituir outros olhares, diversos daqueles que só salientam a deficiência, proporcionando transformações mais efetivas nas questões relacionadas à voz e a própria vida de cada um.

Diante desse cenário, esta pesquisa tem como objetivo principal observar e analisar aspectos constituintes do processo de formação de um grupo de alunos de graduação em Fonoaudiologia, em um estágio supervisionado na área da voz, visando refletir sobre a importância de se estar atento, nesse espaço de formação, à sócio-historicidade constitutiva dos sujeitos que nele se inserem. Esta investigação, arquitetada no contexto das relações dialógicas, busca assim contribuir para maior e mais efetiva percepção, entendimento, acolhimento e (re)significação das expectativas e necessidades dos pacientes e dos próprios estudantes durante o estágio.

Os objetivos específicos deste trabalho se desdobram em três perguntas que orientam a pesquisa:

- Que *vozes* circulam no estágio supervisionado em Fonoaudiologia, tanto na supervisão quanto no atendimento fonoaudiológico e que efeitos de sentidos são gerados que interferem, de modo mais ou menos contundente, na formação profissional dos discentes?

- Como os alunos vão se posicionando axiologicamente no estágio frente a diferentes e singulares interações vividas nas supervisões e nos atendimentos realizados com os pacientes?

- Com a conclusão do estágio supervisionado em voz, como professor, pacientes e alunos percebem a supervisão e/ou o processo de atendimento clínico vivido por eles, na área da voz?

Para responder a essas perguntas, desenvolvi uma pesquisa longitudinal de caráter qualitativo, que se orienta por princípios bakhtinianos concernentes à pesquisa no campo das ciências humanas. Para tanto, observei treze sujeitos (1 professor, 10 alunos e 2 pacientes) integrantes de um estágio supervisionado na área da voz, durante um semestre letivo, produzindo enunciados em diferentes situações concretas de discurso.

Foram analisadas três práticas discursivas: supervisão acadêmica, atendimento clínico terapêutico (ambos compondo o estágio) e entrevista acadêmica. Dez alunas foram gravadas juntamente com a professora durante as aulas de supervisão, sendo que, desse montante, três estudantes foram filmadas em situação de atendimento a dois pacientes. Das supervisões e dos atendimentos clínicos gravados, são analisados enunciados selecionados das duas primeiras aulas de supervisão, atendimentos e supervisões a um paciente filmado e a última aula de supervisão. Os enunciados selecionados auxiliam a compreensão de como o processo de formação dos alunos foi se desenvolvendo ao longo do estágio.

Entrevistei todos os sujeitos da pesquisa tanto no início quanto depois de finalizado o estágio. As entrevistas realizadas no início do estágio ajudaram a compreender melhor quem eram os indivíduos participantes da pesquisa, no que se refere a suas histórias de formação pessoal e/ou profissional na área da voz e suas expectativas em relação ao estágio. As entrevistas ao final da disciplina tiveram como principal objetivo entender como os sujeitos participantes do estudo valoravam o

processo de supervisão e/ou o processo clínico-terapêutico vivido por eles durante o semestre letivo.

Do entrelaçamento de *vozes* dos sujeitos ao longo do estágio (dos atendimentos e das supervisões) com *vozes* das entrevistas, observa-se o delineamento de diferentes pontos de vista, distintas entonações que, ao se entrecruzarem, refletem e refratam distintos aspectos do processo de formação dos alunos em questão.

Esta pesquisa está organizada, portanto, em quatro capítulos. No primeiro, intitulado *Vozes da Fonoaudiologia*, apresento *vozes* constituintes da história da Fonoaudiologia na área da voz que ecoam no fazer clínico do fonoaudiólogo e também no processo de formação do alunado nos cursos de graduação em Fonoaudiologia. Esse capítulo está dividido em quatro seções. Início discorrendo sobre *vozes* da história inicial da Fonoaudiologia no Brasil que direcionaram uma forma de se compreender a clínica na área da voz. O perfil positivista é traçado. A partir daí, trago considerações sobre a clínica da voz delineada com o positivismo. Essa primeira seção é nominada *A clínica da objetividade: o perfil cartesiano positivista*. Na sequência, são desenvolvidas a segunda e a terceira seções, intituladas respectivamente *A clínica da subjetividade: o perfil expressivo/contextual e psicanalítico* e *A clínica da intersubjetividade: o perfil bakhtiniano*. Por fim, na quarta seção, *Vozes de periódicos nacionais (2007-2011)*, realizo uma revisão bibliográfica nos principais periódicos, na esfera nacional, publicados, entre 2007 e 2011, no âmbito da Fonoaudiologia, que versam sobre voz. O intuito é obter um panorama da produção de conhecimento atual acerca da voz, no âmbito da Fonoaudiologia, delineando *vozes* com as quais os estudantes de Fonoaudiologia, possivelmente, estão dialogando no seu período de formação.

No segundo capítulo, intitulado *Vozes Bakhtinianas*, destaco pressupostos filosóficos de Bakhtin e seu Círculo. O foco está em discutir considerações vinculadas às relações dialógicas, à multiplicidade de *vozes*, às ondas de ressonância dialógica constituintes do discurso e formadoras do sujeito, além de outras noções bakhtinianas que orientam para os objetivos propostos nesta pesquisa. Ao lado disso, como este trabalho põe em relação a teoria com a prática, ou seja, trata do entrelaçamento entre questões teóricas e práticas singulares vividas por distintos sujeitos em diferentes situações que envolvem a pesquisa (supervisão acadêmica e atendimento clínico-terapêutico), considerações são feitas sobre um dos primeiros textos escrito por Bakhtin – *Para uma filosofia do ato* (1920-1924/1993).

Desenvolvo o segundo capítulo em três seções. Na primeira, intitulada *A teoria e a singularidade do evento: pontos de tensão*, discorro sobre o manuscrito *Para uma filosofia do ato*, que pontua a relação tensa existente entre o mundo experimentado pela historicidade viva e o mundo representado pela teoria ao se pensar na formação de um sujeito ético e responsável. Trazendo tal filosofia para o presente trabalho, o estágio supervisionado é um espaço em que a teoria e a prática clínica interagem, criando entre elas diversos momentos de tensão, contradição e choque.

Na segunda seção, nomeada *O discurso na perspectiva dialógica*, discorro sobre conceitos como dialogismo (princípio constitutivo das reflexões da teoria bakhtiniana), discurso, *vozes* sociais, enunciado, compreensão responsiva ativa, gêneros do discurso – imprescindíveis para o entendimento da sua obra e do meu objeto de estudo. Já na terceira parte, denominada *A importância do outro na constituição do sujeito*, atendo-me a questões pontuadas por Bakhtin e seu Círculo que me instigam a refletir sobre a importância do(s) outro(s) no processo de apropriação do conhecimento e da formação da identidade dos sujeitos. Trabalho com as seguintes noções: entonação, forças centrípetas e centrífugas, reflexo e refração, excedente de visão e supradestinatário.

É no terceiro capítulo, intitulado *Procedimentos Metodológicos*, que discorro sobre a metodologia de análise do material, que segue princípios bakhtinianos concernentes à pesquisa no campo das ciências humanas. Esse capítulo está dividido em duas seções, que explicitam os caminhos metodológicos que foram abordados acerca do contexto em que a pesquisa foi realizada, a coleta do material e sua posterior análise.

No quarto capítulo, *Análise do material*, apresento as considerações obtidas com o estudo, ao observar e discutir o material coletado. Esse capítulo está organizado em três seções. Na primeira, intitulada *Ondas dialógicas de sentidos produzidas nas primeiras supervisões*, analiso as primeiras interações professora-alunas envolvendo explicações sobre a organização/dinâmica do estágio que ocorrerá. Percebo que as *vozes* que emanam dessas primeiras aulas (entrelaçadas com enunciados selecionados da primeira entrevista com alguns participantes do estágio) produzem efeitos de sentidos que refletem e refratam nos atendimentos e supervisões subsequentes, participando ativamente do processo de formação do alunado ao longo do estágio.

Na segunda seção, nominada *Ondas dialógicas de sentidos produzidas nos atendimentos e supervisões a uma paciente*, analiso enunciados selecionados dos atendimentos e das supervisões de duas estudantes à paciente designada Valéria. Discursos da primeira e segunda entrevistas realizadas com as duas alunas, a professora

e a paciente entrelaçam-se com os enunciados dos atendimentos e das supervisões, visando a uma melhor compreensão dos discursos selecionados.

Os enunciados elencados são aqueles que trazem um ecoar de *vozes* que apontam para aspectos do processo de formação de duas alunas no decorrer de um estágio. Momentos em que inúmeras relações dialógicas são expostas, abafadas, distorcidas, em que *vozes* da professora, das duas alunas e da paciente, tanto nos atendimentos quanto nas supervisões, entrelaçam-se, estabelecendo interação com os enunciados das entrevistas e fomentando a construção de variados sentidos que interferem no processo de formação das discentes.

Na terceira e última seção do quarto capítulo, intitulada *Ondas dialógicas de sentidos produzidas na última supervisão*, discuto como alguns participantes do estágio perceberam o estágio por eles vivido. Enunciados selecionados, da primeira e segunda entrevista, com alguns participantes da disciplina, entrelaçam-se com os discursos construídos da última aula, trazendo um ecoar de *vozes* que valoram as percepções da professora e de algumas alunas sobre o estágio por elas vivenciado, ajudando a compreender aspectos da formação das discentes ao final da disciplina.

A hipótese que ancora este trabalho é a de que ainda hoje, nas práticas acadêmicas fonoaudiológicas clínicas na área da voz, prevalece uma perspectiva organicista de atuação, que dificulta o entendimento do estudante acerca da complexidade de fatores, como os sócio-históricos que constituem o paciente e a sua voz, levando os estudantes, muitas vezes, a um processo de formação acadêmica fragmentado.